

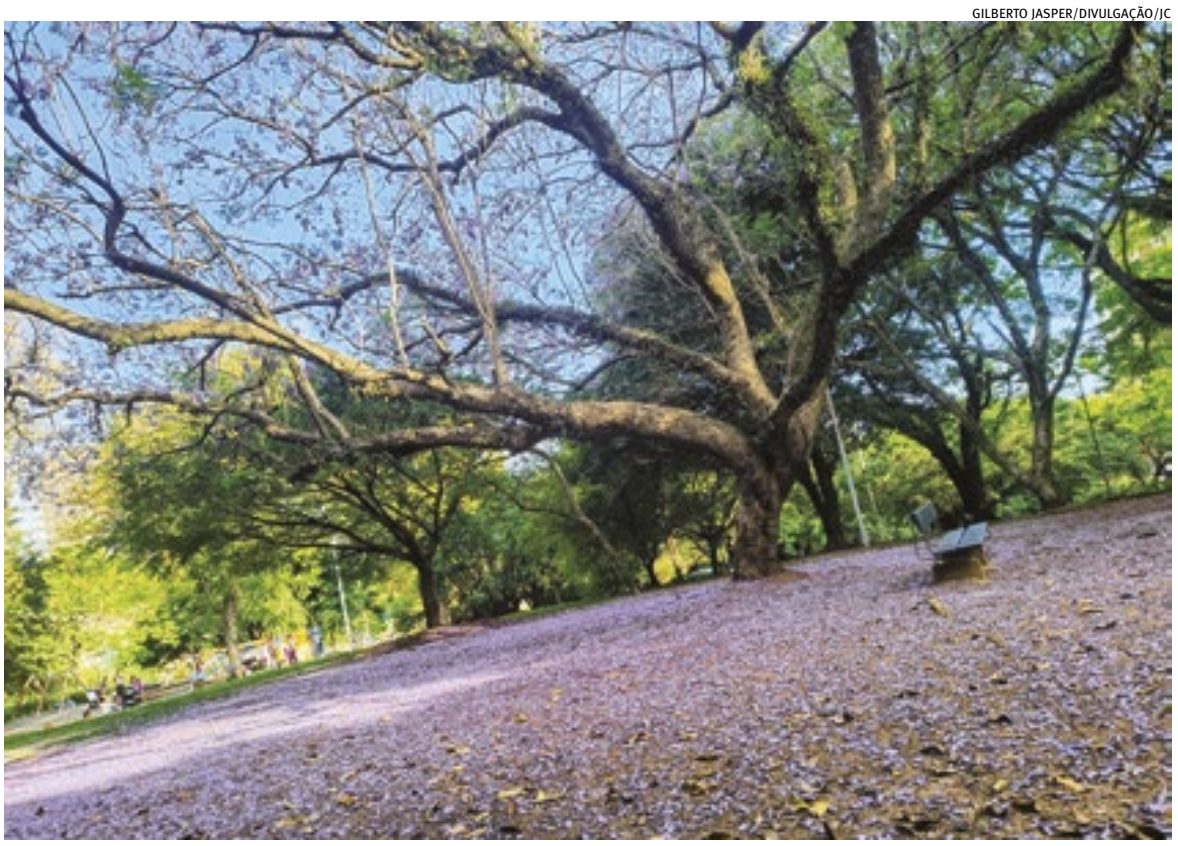
Começo de Conversa

Fernando Albrecht
fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Tapete lilás

A Praça da Encol, em Porto Alegre, parece coberta por um tapete lilás, anunciando o final da primavera e a chegada do verão. A cena enche os olhos e espalha perfume aos frequentadores.

GILBERTO JASPER/DIVULGAÇÃO/JC



Unimed 55

Foi com uma bonita festa no Leopoldina Juvenil com fala do presidente Márcio Pizzato que a Unimed Porto Alegre comemorou 55 anos de fundação e lançou o livro Longevidade. Nunca essa palavra teve significado tão pleno.

Os esquecidos

O pisca-pisca para automóveis completou 100 anos de presença em Porto Alegre. Era vendido pela empresa Ebling & Cia. Passado um século, ainda há motoristas que não sabem que o alerta de direção a tomar existe.

Feliz aniversário

O escritório de advocacia Rossi, Maffini e Milman Advogados, fundado pelo advogado Dante Rossi, completou seis décadas neste ano. Sob comando de Mônica Canellas Rossi, filha do fundador, tem mais de 120 funcionários nas sedes de Porto Alegre e São Paulo. Em breve, em Brasília.

A vez dos anônimos

Todo case de sucesso tem personagens anônimos. No caso de Luciano Zucco, um deles é Rafael Mello, 29 anos. O guri está ao seu lado desde 2019, na Assembleia Legislativa. Começou como videomaker, foi designer gráfico, editor, gestor de redes sociais e estrategista digital. É nome certo na equipe do Piratini.

Efeito eleição

Um mês depois da eleição, completado ontem, o Ibovespa acumula 19% de perdas. Às vezes, as altas se dão por espasmos quando surge uma notícia agradável para o mercado, como a possibilidade do banqueiro Luiz Carlos Trabuco ser ministro da Fazenda de Lula, depois confirmado. Ao meio-dia, a Bolsa subia mais de 4%.

O Japão ajuda

A 13ª edição do Festival do Japão RS mostrou que a cultura e a solidariedade caminham juntas. Nos dias 6, 7 e 8 de novembro, o evento arrecadou 3.483 quilos de alimentos e R$ 1.025 em doações via Pix, em uma ação realizada em parceria com o Banco de Alimentos Vale do Sinos. A mobilização contou com mais de 30 voluntários.

Engenharia de favela

A indústria da construção civil aliada à engenharia procura construir residências mais resistentes aos eventos climáticos. O que chama atenção é que ventos destruidores liquidam sólidas casas de alvenaria, mas parecem não atingir os frágeis amontoados barracos de madeira das favelas. Teriam estes "engenheiros" aprendido empiricamente a construí-los de forma segura driblando ventos fortes?



HISTORINHA DE SEXTA

A felicidade nas pequenas coisas e o croquete movido a querosene

O homem feliz só tinha uma camisa. Essa frase me acompanha a vida inteira e não deve ser levada no sentido literal, mas como metáfora para a importância das pequenas coisas. Se o diabo mora no detalhe, Deus também costuma fazer dele uma morada. Pensei nisso ao ler a quantidade de receitas sofisticadas que levam ingredientes milagrosos e caros, como se as papilas gustativas desprezassem o trivial variado. Ao contrário, elas começaram a ser exigentes com o simples, mas rico leite materno. Com as comidinhas é a mesma coisa. Quantos de nós lembramos de alimentos simples que marcaram nossa vida desde que bos tornamos gente.

Lembro de uma excursão que fiz para a praia do Cassino, em Rio Grande, nos idos de 1953. Foi uma viagem do cão, dois dias e uma noite cheia de mosquitos no vagão - lamento dizer que eles ganharam a guerra. O máximo que consegui foi encher minhas orelhas de tapas auto-inflingidos. À noitinha, a fome era atroz e na única padaria que encontramos, o paraíso veio em forma de pão d'água de meio quilo recheado com um simples patê de tripa mais uma caneca de café. Céus, que comida reconfortante. Fui dormir convicto que Deus existia. E distribuía patê de fígado de galinha e canecas de café pelando no lago Genesaré. Esse foi o milagre de Jesus.

Nos idos de 1965 havia um pequeno bar-chope na Cristóvão Colombo, 36. Chamava-se Bob's, de Roberto. A mulher do seu Roberto fazia um croquete de peixe crocante por fora: mergulhado em molho remolado, levava direto ao paraíso sem escalas. Mesma viagem era a empada da dona Maria de outro bar, o Bar Arthur do seu Heinz, na Alberto Bins. Verdade que a empada do Juvenal no Juva's Bar da rua André da Rocha não ficava atrás - perceberam a importância do apóstrofo na culinária gaúcha?

Nunca mais comi um croquete como o feito nas oficinas da Zero Hora na rua Luiz Afonso, quando o dono era Ary de Carvalho, no tempo da redação na Sete de Setembro. O croquete era servido junto com o pê-efe padrão, feijão divino, arroz, massa, uma saladinha despretensiosa, tudo cozinhado em um pequeno fogão de duas bocas alimentado por querosene, pode uma coisa dessas? O cozinheiro merecia 3 estrelas no Guia Michelin.

Um pastel em especial me levava ao nirvana, o pastel de carne de um vendedor que saciava a fome dos internos do Colégio São Jacó. Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, hoje Feevale. O Doca Mottin deve se lembrar, estudou lá também em 1959, só que ele era "de menor". Então não sei se saboreou o divino pastel que nos fazia esquecer a gororoba horrorosa servida no refeitório no São Jacó, apesar dos esforços do cozinheiro Romaldo Orth. Ele era bom, os ingredientes é que não prestavam. Maristas pão-duros. O inferno vos espera.

Passarão os céus e a Terra e não haverá mais um bauru como o do Centro Esportivo, na Benjamin Constant perto da Cristóvão Colombo. Dois andares de pão de forma prensados com lombinho, queijo e tomate. Nunca mais. Da mesma forma nunca mais comerei um bolinho de carne crocante como o da Caverna do Ratão, na esquina da Protásio Alves com Eça de Queiroz. De pequeno não tinha nada, mas presto minhas homenagens póstumas ao sanduíche de pernil do Ratão.

Confesso que quase chorei quando soube que o Ratão fechou. O governo dá dinheiro sem volta para tantos países africanos, deu para Cuba uma grana preta que foi para nunca mais voltar, porque não deu pro Ratão? Mas desse lugar maravilhoso guardo uma lembrança que ainda me faz rir. Fui lá para fazer um rancho de bolinhos e quando cheguei lá vi um ônibus parado no corredor, Samu, viatura da Brigada e um enxame de brigadianos e enfermeiros. Um popular estava na porta e perguntei o que houve. Popular sabe tudo. Popular gosta de ficar olhando obra pública por horas com as mãos nos bolsos. É muito citado pelos jornais quando acontece um acidente, tipo "popular que viu a cena..."

- Um cara tentou se matar. Se jogou na frente do ônibus.

- Morreu?

- Não. O ônibus estava parado.